

# A ALPINISTA

## JANEIRO DE 1945, INTERIOR DA POLÔNIA

Hannelore apontava a arma para os dois prisioneiros e ordenava que caminhassem floresta adentro. Era noite sem lua, breu total. O vento, de gelar os ossos, penetrava até mesmo no casaco de pele de raposa que ela vestia. Era um *manteau* comprido, verdadeira obra de arte costurada à mão. Tinha sido feito sob medida, mas não para Hannelore, e sim para uma judia.

Os dois prisioneiros vestiam apenas o uniforme de algodão rústico listrado de azul e branco, insuportavelmente fino para aquele inverno. Na camisa havia um número costurado e um triângulo amarelo apontado para baixo. O número identificava o prisioneiro, e o triângulo, sua origem judaica.

Ela usava botas de cano alto, feitas de pelica delicada e forradas com pele de coelho, enquanto os homens calçavam apenas tamancos de madeira. As botas também tinham sido feitas sob medida, mas para outra judia. Mesmo naquela situação peculiar, Hannelore estava bem maquiada e bem alimentada, num contraste chocante com os dois homens exaustos e famintos, quase congelados. Mas ela não se importava.

Um dos prisioneiros carregava duas pás, e o outro, uma mala tão pesada que precisava ser arrastada. Dentro dela havia diamantes, joias e dentes de ouro – uma pequena fortuna. Tensa, Hannelore verificava sempre se estavam sendo seguidos. Tiros de canhão e metralhadora podiam ser ouvidos à distância.

– Parem! – gritou ela bruscamente, como se ter de falar com eles fosse algo repugnante, pior do que se dirigir a um animal.

A alemã havia escolhido aquele local alguns dias antes, quando soube que a guerra estava perdida e que o exército soviético poderia chegar a qualquer momento. Seu marido, o comandante Joseph Muller, já tinha

recebido ordens de Himmler para destruir todos os documentos comprometedores e todas as provas dos massacres que aconteciam do lado de dentro das cercas de arame farpado de Wodospad Niebieski, um dos muitos campos de concentração e extermínio controlados pelos nazistas.

Hannelore queria estar preparada para o difícil período do pós-guerra, após a derrota alemã.

– Cavem embaixo dessa árvore – ordenou.

Com dificuldade, os dois prisioneiros começaram a bater as pás no chão duro, semicongelado. Depois de muito esforço, conseguiram penetrar o barro solidificado. Quando o buraco estava suficientemente fundo, ela mandou que colocassem a mala dentro e cobrissem com terra. Terminado o serviço, deu ordens para os dois caminharem de volta para o campo. Esperou que se distanciassem cerca de cem metros do esconderijo e acertou um tiro na nuca de cada prisioneiro. Os estampidos ecoaram entre as árvores, mas nada que chamasse a atenção. Naquela floresta, era mais comum se ouvirem tiros do que o canto dos pássaros.

Hannelore pegou as pás, andou por mais algumas centenas de metros e as escondeu no meio das folhagens, voltando em seguida para Wodospad Niebieski.

O lugar estava um caos. Os oficiais gritavam para os prisioneiros jogarem documentos, papéis, fotografias e memorandos nos fornos crematórios. Centenas de pessoas corriam de um lado para o outro. Os soldados já haviam explodido as câmaras de gás com granadas e esperavam apenas que os papéis fossem completamente carbonizados para explodir também os fornos crematórios. Dois médicos alemães selecionavam os prisioneiros que estavam em condições de andar, encaminhando-os para uma longa fila. Seriam usados como escravos nos campos de trabalhos forçados na Alemanha e na Áustria.

Os que estavam fracos demais eram colocados em barracões, onde seriam fuzilados. Em seguida, os lança-chamas destruiriam tudo, eliminando qualquer vestígio. Quem fosse pego pelos oficiais tentando aproveitar a confusão para fugir era morto na hora. Os cachorros,

treinados para matar, também eram lançados contra eles, dilacerando seus corpos esqueléticos.

Mesmo em meio à bagunça, Hannelore não demorou a encontrar seu marido, o comandante Muller. Muito agitado, ele ordenava aos outros oficiais que colocassem todos os objetos de valor – casacos de pele, joias, castiçais de prata, dentes de ouro, obras de arte – em um caminhão que partiria para Berlim.

– Escondeu a nossa parte? – ele perguntou ao vê-la.

– Sim, enterrei no local combinado – mentiu Hannelore.

– Ótimo. Temos o suficiente para fugir da Alemanha e recomeçar a vida na América do Sul. E nossa filha?

– Deixei aos cuidados de uma freira no convento – mentiu mais uma vez, sem deixar escapar qualquer emoção na voz.

# PRIMEIRA PARTE

# Lilienthal

## PRIMAVERA DE 1937

O professor Hans Schmidt andava por entre as carteiras escolares do pequeno ginásio de Lilienthal durante sua aula de história germânica. Parou ao lado de Hannelore Schultz: uma série de desenhos no caderno da aluna havia chamado sua atenção. Eram vários “Hs” entrelaçados, desenhados em formatos diferentes, com uma caligrafia cuidadosa. Alguns eram unidos por um coração. O professor logo entendeu que aquelas iniciais só podiam significar uma coisa: Hans e Hannelore.

A aluna agia como se não tivesse percebido a presença do professor ao seu lado. Hans tinha 30 anos e ainda era solteiro. Apenas dez centímetros mais baixo do que Hannelore, que media um metro e oitenta, era bem magro, tinha ombros estreitos e a pele tão branca que parecia anêmico, por trás dos óculos de aro de tartaruga. Os cabelos castanhos estavam bem penteados, sem um fio fora do lugar. Hans vestia um terno de lã escura já gasto, mas muito limpo, assim como os sapatos, muito bem engraxados. A bela alemã era um desastre como aluna: ia mal nas provas, não prestava atenção nas aulas e, displicente, não realizava os trabalhos de casa. Ainda assim, o professor fazia o possível para ajudá-la a passar de ano. Não sem segundas intenções.

Hannelore Schultz tinha apenas 17 anos, mas o corpo, perfeito, era o de uma mulher adulta. Pernas longas, cintura fina, seios fartos, cabelos dourados e olhos azuis como o céu de outono. Era, sem dúvida, a aluna

mais bonita e sensual da escola. Mais do que isso, era a mulher mais bela da cidade. A natureza tinha sido pródiga com aquela garota. Não havia um centímetro fora do lugar, nada para ser retocado.

O professor Hans não tinha coragem de convidá-la para um encontro. Mas em casa, após as aulas, ele se entregava a sonhos românticos com a aluna.

Desde que menstruara pela primeira vez, Hannelore entendeu que provocava fascínio no sexo oposto – o professor não era exceção. Ela sabia disso e tirava proveito. Na escola, sempre conseguia uma nota melhor do que merecia.

Todos os homens queriam agradá-la.

Lilienthal era um vilarejo pequeno, com pouco mais de trinta mil habitantes e a uma hora de trem de Berlim. Hannelore morava em um pequeno sítio, como a maioria das pessoas ali.

Era a caçula de três irmãos que trabalhavam duro na enxada e eram pouco letrados. Fizeram só o primário. Seu pai também trabalhava no campo, e a mãe cuidava do resto: cozinhava, lavava a roupa, limpava a casa. Eram todos brancos e rudes.

Todos exceto Hannelore, que fugiu ao padrão da família. Queria ser alguém, sair daquela miséria. Sonhava com grandes festas importantes, vestidos de gala, maquiagens, a vida sofisticada e cosmopolita de Berlim, aonde ia duas vezes por ano. Foi lá que entrou pela primeira vez na perfumaria do Sr. Wolf, deliciando-se com o aroma dos perfumes franceses. Entendeu que era aquilo que desejava: estar cercada daquela elegância, e não da lama, do mato e dos bichos da sua cidade natal. Faria o que fosse preciso para subir na vida. Prometeu a si mesma que não teria limites.

Sua mãe tinha dois vestidos, um para trabalhar nos dias de semana e outro para ir à igreja aos domingos. A filha queria mais do que apenas dois vestidos. Sua vaidade era maior do que Lilienthal.

Para conseguir incrementar seu guarda-roupa espartano, Hannelore fazia pequenos serviços por fora. Com o dinheirinho que ganhava, comprava tecidos e costurava uma saia ou uma blusa. Quando completou 16 anos, fez um vestido que valorizava seu corpo. Era

decotado além da conta para os padrões da pequena cidade e justo na cintura, o que realçava os seios. O tecido branco de algodão destacava as curvas. Sua família não gostou da roupa, mas Hannelore era decidida: ninguém a impediria de usar o que bem entendesse.

Não havia uma pessoa em Lilienthal que não reparasse na menina, que gostava de atrair a atenção dos homens e a inveja das mulheres. Em uma cidade provinciana como aquela, onde todos se conheciam, os relacionamentos surgiam de apresentações familiares. O namoro era recatado; o noivado, rigidamente controlado, e as noivas quase sempre se casavam virgens. Ela ainda não havia experimentado o sexo, mas sua intuição dizia que ele poderia lhe trazer grandes benefícios.

O sexo, ela logo entendeu, era uma grande arma.

Em uma viagem a Berlim com a avó, para comprarem artigos que não existiam em Lilienthal, sua vida começou a mudar.

Enquanto a avó fazia compras, Hannelore foi dar uma volta.

O Café Germânia chamou sua atenção, cheio de homens e mulheres elegantíssimos. Não havia nada igual em sua cidade. Parou à porta para ver melhor o ambiente.

Contra a luz, seu vestido branco ficou transparente, revelando a silhueta de suas pernas longas e sensuais. Todos os olhares se voltaram para ela, até mesmo os femininos. Um homem de aproximadamente 40 anos não perdeu tempo e a convidou para se sentar.

A jovem até pensou em recusar e ir embora, mas, no fundo, era aquilo que ela queria. Acabou aceitando, e os dois sentaram-se à mesa.

Seu anfitrião era alto, tinha olhos azuis escuros e cavanhaque, os cabelos loiros e lisos muito bem penteados para trás com glicerina. Não tinha a aparência abrutalhada dos homens de Lilienthal, mas não era afeminado. Ela observou que as mãos e as unhas dele estavam limpas, bem aparadas. Tinha os dedos finos de quem nunca pegou em uma enxada na vida. Seu terno se ajustava perfeitamente ao corpo e, o melhor de tudo, ele exalava um perfume delicioso.

– Garçom, sirva a esta linda moça um *apfelstrudel* com creme e um chocolate quente. E mais um conhaque para mim.



– Não, obrigada – recusou a ingênua Hannelore, que pensou que teria de pagar pela bebida, sem um centavo no bolso.

O homem abriu um sorriso cheio de segundas intenções, colocando sua mão sobre a dela. Hannelore reparou que ele era casado. Havia uma grossa aliança de ouro no anelar da mão esquerda.

Não precisou pensar muito para entender o que ele queria.

– É um prazer atender uma jovem tão bonita.

Hannelore achou uma ousadia ele segurar sua mão, mas não fez nenhum movimento contrário. Sua intuição lhe dizia para deixar as coisas acontecerem.

Os homens no Café Germânia fumavam cigarros, charutos e cachimbos. Para a surpresa de Hannelore, muitas mulheres também fumavam, e todas se vestiam como ela sonhava em se vestir um dia. Joias, sapatos de salto alto, meias de seda: aquele era o mundo que a jovem desejava.

Apesar da simplicidade de seu vestido branco, Hannelore demonstrava tanta sensualidade que parecia parte daquele sofisticado ambiente. Tinha brilho e luz próprios, que dispensavam joias e outros apetrechos.

Naquele dia, ela teve certeza de seu poder de atração sobre os homens. E aqueles não eram caipiras de Lilienthal, eram senhores de Berlim.

– É a primeira vez que vem aqui? – perguntou seu anfitrião, que agora deslizava a mão sobre a dela.

– Sim.

– Se você quiser, podemos pegar meu carro e dar uma volta por Berlim.

“Ele tem um carro! Com certeza é muito rico!”, ela pensou. Podia contar nos dedos de uma mão as vezes em que tinha entrado em um automóvel.

– Daqui a pouco tenho que encontrar minha avó – disse Hannelore.

O cavalheiro então percebeu que nem tinha se apresentado.

– Me desculpe, fiquei tão maravilhado com sua beleza que esqueci de me apresentar. Meu nome é Rudolf von Huss.

– Hannelore Schultz – ela respondeu.

– Antes de se encontrar com sua avó, gostaria de visitar algumas lojas?  
– ele ofereceu, conquistador.

Sua vontade era dizer que sim, mas ela sabia que isso era impossível. Não poderia chegar em casa com as compras. Frustrada, foi obrigada a recusar o melhor convite que já recebera na vida.

Ainda assim, aquela pergunta mudaria sua vida para sempre.

Hannelore começou a jogar. Comia o doce, passava a língua sensualmente nos lábios e observava a reação de Rudolf. Ele não conseguia tirar os olhos de sua boca.

Quando terminou de comer, a garota se levantou. Precisava ir embora, encontrar a avó.

– Me deixe seu telefone – ele pediu.

“Telefone? Ele acha que eu tenho telefone?”, ela pensou, surpresa.

– Não.

– Como eu faço para vê-la de novo?

Rudolf não estava pedindo, estava implorando por um novo encontro.

– Quem sabe da próxima vez que eu vier a Berlim – ela respondeu com descaso.

– Fique com o meu contato – insistiu Rudolf, entregando-lhe um cartão de visitas.

Era o primeiro cartão de visitas que ela via.

– Promete me ligar?

Sem responder, ela deixou o café. Estava feliz da vida.

No trem de volta para Lilienthal, Hannelore não parava de relembrar o encontro no café. Os vestidos maravilhosos, as joias, a infinidade de brilhos e cores. O jeito sensual como as mulheres sopravam a fumaça dos cigarros. As pessoas conversavam, se abraçavam e riam, tudo tão diferente de sua pequena cidade! Parecia outro planeta. E era nesse planeta que ela queria viver, não naquele cheio de terra e lama, de gente bruta e ignorante.

Pegou o cartão de visitas. *Dr. Rudolf von Huss, advogado*. Seu escritório ficava na Kurfürstendamm Strasse, a principal e mais sofisticada avenida de Berlim. Ele não era um caipirão de Lilienthal, um bronco,

um ninguém. Era um advogado rico. “E mesmo assim foi seduzido por mim”, pensou, confiante.

Quando o trem parou na estação de Lilienthal e Hannelore desceu, sentiu um nó na garganta. As pessoas malvestidas e sujas, as ruas de terra cheias de excrementos, as charretes velhas caindo aos pedaços – tudo era o oposto de Berlim, da sofisticação e do luxo.

“Não ficarei aqui, custe o que custar. Não vou passar minha vida neste fim de mundo”, prometeu a si mesma mais uma vez.

## OUTONO DE 1937, 1º DEGRAU

Seis meses depois daquela promessa, Hannelore saía da igreja de braços dados com o professor Hans. Ela havia acabado de completar 18 anos. Terminou a escola e se casou, como a maioria das mulheres da cidade. Entre as alternativas de Lilienthal, Hans Schmidt certamente era a menos pior. Embora o filho do prefeito tivesse mais dinheiro, era tão bronco quanto seus irmãos e jamais a tiraria da cidade, onde seu pai tinha prestígio e propriedades. O professor Hans, por outro lado, podia não ser rico, mas tinha cultura e, quem sabe, ambição para se mudar daquele lugar perdido no mapa. Hannelore acreditava que, com um pouco de esforço da parte dela, ele concordaria em ir embora para Berlim. Seria preciso planejamento e paciência.

Da igreja, seguiram de carroça para a pequena casa do professor. Na sala apertada, que também funcionava como cozinha e dormitório, o fogão aquecia todo o ambiente. No fundo do terreno, via-se uma estrutura de madeira, quatro paredes com um buraco no chão: era o que se poderia chamar de banheiro.

Hans Schmidt era órfão e vivia em Lilienthal por causa de um tio. Nascido em Potsdam, uma cidade bem maior, era filho de um militar que chegou a sargento do exército. Ele, no entanto, jamais pensou em seguir os passos do pai. Não levantava a voz, não entrava em brigas e nem tinha o tipo físico para ser soldado. Gostava de ler, de estudar, e depois descobriu que gostava de ensinar. Queria ser professor.

Seu pai foi morto durante a Primeira Guerra Mundial, quando lutou na fronteira com a França. À época, Hans tinha apenas 10 anos. Após a guerra, com a crise que se abateu na Alemanha, sua mãe achou melhor se mudarem de Potsdam para Lilienthal, onde vivia sua família. Comida não faltaria, já que eram todos camponeses.

Em Lilienthal, Hans seguiu a carreira de professor.

Durante os piores anos de recessão da Alemanha, quando o país passou por imensas dificuldades, a Sra. Schmidt contraiu tuberculose e

morreu. Hans estava órfão de pai e mãe.

Foi uma surpresa muito grande, e uma felicidade imensa para a família Schmidt, quando Hannelore Schultz, a moça mais bonita da cidade, aceitou se casar com o professor Hans, que já tinha 30 anos. Nessa idade, todos os habitantes de Lilienthal já estavam casados e com filhos. O que ninguém sabia eram os verdadeiros motivos da linda moça.

O cocheiro deixou os noivos na porta de casa. Quando entraram, a alemã tomou a iniciativa e puxou Hans para o quarto, arrancando as roupas pelo caminho. A inexperiência foi compensada pelos hormônios da juventude. Caíram na cama, nus, e fizeram sexo durante horas.

Nas noites seguintes, quando Hans chegava da escola, os dois iam direto para a cama, momento que Hannelore aproveitava para descobrir novas alternativas que o sexo poderia oferecer. O professor não sabia se o que faziam era certo ou errado, mas não tinha coragem de perguntar a ninguém. Apenas cedia às vontades da esposa.

Experimentaram todas as possibilidades. Hannelore queria se tornar uma especialista em sexo, descobrir todas as formas de levar um homem à loucura: era parte do plano. E tinha um talento natural para isso.

Hans, por outro lado, acreditava estar satisfazendo a esposa com sua virilidade. Mal sabia que, para a jovem, ele era apenas um campo de provas, um laboratório de pesquisas.

“Como é fácil enganar um homem”, ela pensava enquanto enlouquecia o marido.

## As leis raciais

Certo dia, Hannelore ouviu dizer que os professores judeus não poderiam mais dar aulas.

– O que são as leis de Nuremberg? – perguntou ao marido.

Hans explicou que eram leis que defendiam a pureza da raça ariana contra a suposta impureza da raça judaica.

Leis e mais leis eram promulgadas, uma após a outra. Os judeus perderam a cidadania alemã, foram proibidos de se relacionar com não judeus, não podiam andar nas calçadas, tiveram suas aposentadorias suspensas e não podiam ter conta em banco. Advogados e médicos judeus também não podiam mais trabalhar para arianos. E as restrições não terminavam por aí.

– Os judeus não podem mais lecionar nas escolas arianas?

– Não – respondeu Hans.

Lá estava a oportunidade que Hannelore tanto procurava para subir mais um degrau.

“Se os professores judeus não puderem lecionar, mais vagas estarão disponíveis para os professores arianos”, pensou a jovem.

Hans e Hannelore tinham uma grande tina de madeira que usavam para lavar roupa e se banhar. O banho dava mais trabalho do que cozinhar: era preciso catar lenha, acender um bom fogo, carregar baldes de água do poço, esquentar e encher a tina. Quando, finalmente, estava tudo pronto, ela adorava ficar na água quente, relaxando o corpo e sentindo a pele ficar macia.

Hannelore sonhava com banheiras de mármore e torneiras de onde jorrava água quente com um simples movimento das mãos. Ela sabia que

isso existia nas mansões das famílias ricas e sempre se imaginava em uma dessas. Também sabia que um dia teria uma banheira de verdade, não uma tina de madeira que precisava dividir com as roupas sujas.

Quando fechava os olhos, Hannelore via armários repletos de vestidos, joias valiosas e perfumes exóticos.

Não era com os príncipes que ela sonhava, e sim com os castelos.

Saiu da tina e colocou seu melhor vestido. Arrumou os cabelos, passou o batom vermelho-carmim e finalizou com um toque de perfume.

Naquela tarde, o banho tinha um motivo muito especial.

Precisava convencer Hans a não perder a grande oportunidade de sua vida.

Quando ele chegou em casa, entendeu na mesma hora que Hannelore ia lhe pedir algo. Já conhecia os truques da esposa, só não imaginava o tamanho do pedido.

Hannelore pegou uma bebida e sentou-se no colo do marido. Beijou-o sofregamente e sentiu que ele ficava excitado. Ela sabia que momentos como aquele eram os melhores para pedir alguma coisa. “Quando um homem tem desejos, age por impulso, sem usar a cabeça”, dizia a si mesma.

– Hans, acho que está na hora de você arrumar um emprego em Berlim.

Hans gelou com a sugestão. Berlim era uma cidade grande, com mais de quatro milhões de habitantes. Mudar para a capital era assustador. E ele adorava sua vida em Lilienthal: ia a pé para o trabalho, os parentes moravam próximo, conhecia todo mundo, do padre ao prefeito. Em Berlim, seria apenas mais um professor desconectado de tudo e de todos. Não, ele não queria ir para Berlim.

– Berlim?

– Sim, Berlim! O centro do mundo, a cidade que tem tudo. Moda, restaurantes, bares, lojas, espetáculos... Berlim, Hans! Lá poderemos ter uma casa decente – falou Hannelore com entusiasmo.

– O que eu faria em Berlim? – balbuciou o professor, assustado como um passarinho.

– Não é você que lê os jornais todos os dias? Que acompanha as notícias, que se interessa pelo nazismo, pela política? De que serve ler tanto se não aprende nada? – ralhou com o marido.

– Mas o que tem em Berlim? – perguntou o professor, ainda sem entender a linha de raciocínio da esposa.

– Abra os olhos, Hans! Veja as oportunidades que estão surgindo. Se os professores judeus perderam seus empregos, as escolas precisam de professores arianos. É a nossa chance de sair desse fim de mundo!

Agora ele entedia.

– Por favor, meu amor, vamos nos mudar para lá – ela pediu fazendo charminho, e deixando o marido ainda mais excitado.

Hannelore não tinha dúvidas de que ali havia uma grande oportunidade a ser aproveitada. Precisava admitir que as leis raciais nazistas tinham definido seu destino.

– Vou falar com o diretor da escola e depois voltamos a esse assunto, está bem? – prometeu Hans, tentando ao máximo empurrar aquela proposta assustadora para o futuro.

– Meu amor, imagine nós dois em Berlim – ela sussurrou no ouvido dele. – Pense em todas as coisas gostosas que poderemos fazer na capital.

– Não estou dizendo que sim nem que não, só quero pensar melhor. Pode ser, meu amor?

– Você não ama sua esposa? – perguntou enquanto o beijava.

– Mas você acha que alguma escola de Berlim vai me dar emprego?

Ela perdeu a paciência.

– Não tem *mas*, Hans! Essa é nossa única chance de sair da merda! Sair dessa cidade que cheira a bosta de vaca! Você não odeia os judeus? Não concorda quando Hitler diz que são todos uns inúteis? Então vá até Berlim e faça como outros milhões de alemães estão fazendo! Aproveite que eles perderam os empregos e pegue um para você. Não seja idiota. Eles trabalhavam nas melhores escolas e viviam no luxo de Berlim enquanto nós, alemães, temos de viver nessa merda de Lilienthal!

Hans ficou pálido. Nunca tinha visto sua mulher com tanto ódio.

Nesse dia ele percebeu que, se fosse preciso, Hannelore seria capaz de matar para atingir seus objetivos.



Hans Schmidt sempre soube que viver em Berlim era o sonho da esposa, mas achava que isso jamais se realizaria. A possibilidade de ser chamado ou transferido para a capital era nula, zero. Assim, por mais que a esposa pedisse, ele sempre tinha como escapar. Não havia emprego para ele, ponto final.

Mas a situação havia mudado, e o que Hannelore dizia era verdade: os judeus tinham sido expulsos das escolas. Agora, havia milhares de vagas a serem preenchidas por professores arianos como ele.

Ao se dar conta disso, Hans odiou mais ainda os judeus. A culpa de ter que se mudar para Berlim também era deles.

Hannelore ficou de pé, apontou o dedo para o professor e ameaçou, com raiva:

– Preste atenção: você tem um mês para arrumar esse emprego. Um mês!

Então, trancou-se no quarto.

## A proposta

Todos os dias, ao chegar à escola, Hans ensaiava pedir transferência para Berlim, mas recuava no último minuto.

Quando venceu o ultimato, ela esperou que o professor fosse para o trabalho, vestiu sua melhor roupa e passou o batom carmim. Ao olhar-se no espelho, sentiu-se mais linda e sensual do que nunca.

E era verdade. Aos 18 anos, seu corpo havia adquirido mais curvas, estava mais feminino. Ela pegou um cartão de visitas que guardava com muito cuidado e abriu um sorriso.

Aquele pedaço de papel seria seu passaporte para Berlim. Olhou para o relógio da igreja, que era visível da janela, e se deu conta de que era hora de partir.

Quando chegou à estação, ainda faltavam cinco minutos para o trem sair. Comprou a passagem. Era a primeira vez que embarcava sozinha.

Na plataforma, encontrou o açougueiro e o pastor protestante.

Sentaram-se os três no mesmo vagão.

Ela observou que os dois homens tentavam disfarçar os olhares que lançavam ao seu decote e às suas pernas, e aquilo a divertia.

“São tão previsíveis!”, pensou.

O açougueiro e o pastor conversavam sobre as mudanças na Alemanha. Estavam contentes com o *Anschluss* – a anexação da Áustria –, com as ameaças de anexação dos Sudetos e com a perseguição aos judeus.

– Já passou da hora desses vermes pagarem pelos seus crimes – disse o açougueiro com raiva.

– Ouvi dizer que ainda virão novas leis – completou o pastor, animado.

Ela olhava a paisagem, que passava rapidamente pela janela. Não tinha o menor interesse em conversar com os dois, muito menos sobre aqueles assuntos. Hannelore pensava apenas na conversa que teria com o advogado, Dr. Rudolf von Huss.

“Será que ele se lembra de mim? Eu deveria ter ligado para ele pelo menos uma vez. Se ele não se lembrar, perderei a viagem e minha grande oportunidade. Não, ele não se esqueceu. Homem nenhum consegue esquecer uma mulher bonita.”

Seus pensamentos estavam distantes daquele vagão e da conversa dos dois homens que a olhavam com desejo. Hitler, judeus, arianos, raça, guerra, Alemanha, Áustria, Chamberlain, nada disso lhe interessava. O que importava era viver em Berlim.

Uma hora depois, o trem chegou à estação central. As rodas de aço rangeram nos trilhos e o apito do bilheteiro soou, avisando:

– Última estação, Berlim!

Ela desceu os degraus do vagão e se maravilhou com a diferença entre a capital alemã e Lilienthal. Centenas de pessoas andavam de um lado para o outro. Mulheres bem vestidas, homens elegantes, todos a passos largos, com pressa, muito diferente do ritmo arrastado de sua cidade, onde todos pareciam viver em câmera lenta, parando a cada passo para se cumprimentar e jogar conversa fora. Em Berlim, ninguém se conhecia.

Hannelore sentiu o cheiro de fumaça de óleo diesel misturado ao de tabaco. Chamou sua atenção a quantidade de soldados e as imensas bandeiras vermelhas com a cruz suástica que desciam pelo teto da estação. Da última vez que estivera em Berlim, não havia todo aquele excesso, aquela ostentação militar.

O açougueiro e o pastor desceram logo atrás dela e perguntaram se poderiam ajudá-la, quem sabe acompanhá-la a algum lugar. Ela agradeceu, mas recusou. Assim que os dois se encaminharam para a saída, Hannelore correu até um telefone público.

Fechou a porta da cabine, colocou uma moeda e discou para o número impresso no cartão. Estava nervosa, mas se controlou.

– Escritório do *Herr Doktor* Von Huss, bom dia – disse uma voz fria e profissional.

– Por favor, eu gostaria de falar com *Herr Doktor*.

– Quem está falando?

Não tinha previsto que uma secretária atenderia o telefone. De nada adiantaria falar seu nome. Ele poderia até se lembrar dela, caso a visse, mas jamais recordaria seu nome. Pensou rapidamente em uma resposta que o deixaria curioso.

– Diga a ele que é uma agradável surpresa. – Aguardou um pouco e, como a secretária não reagiu, completou com a voz confiante: – Não vou estragá-la dizendo meu nome.

– Sinto muito, senhora, mas preciso saber quem é para passar a ligação.

– Qual é o *seu* nome? – perguntou Hannelore com autoridade.

– *Frau* Konig.

– *Frau* Konig, tenho certeza de que Rudolf – ela usou da intimidade para desarmar a secretária – ficará muito feliz em ouvir minha voz, portanto, sugiro que passe a ligação para ele agora mesmo – informou quase como uma ordem.

– Desculpe, mas se a senhora não... – a secretária não conseguiu terminar a frase.

– Imediatamente! – interrompeu Hannelore.

A funcionária entendeu o recado. Conhecia a fama de mulherengo do chefe: se aquela jovem insistia em falar com *Herr Doktor*, era melhor não discutir.

Hannelore ouviu o telefone ser colocado na mesa, os passos da secretária se afastando, uma porta se abrindo e a voz distante da Sra. Konig falando com alguém que ela presumiu ser Rudolf. Não conseguiu entender o que diziam, mas tinha certeza do que se tratava. Depois de um tempo, ouviu a secretária se aproximando:

– Um minuto, vou transferir a ligação.

Ouviu um chiado no telefone e, em seguida, a voz do Dr. Von Huss:

– Doutor Huss falando – atendeu ele, em tom bastante formal.

Hannelore esperou alguns segundos antes de responder com voz suave e delicada.

– O senhor provavelmente não se lembra do meu nome, mas tenho certeza de que se lembra de uma jovem de vestido branco que conheceu no Café Germânia há menos de um ano – falou de maneira sensual.

Ambos ficaram em silêncio por um breve momento. Hannelore sabia que não devia dizer mais nada – aquilo era o suficiente. A imagem da silhueta da jovem contra a luz, na porta do café, veio imediatamente à memória do advogado. Recostando-se em sua poltrona, ele olhou com um leve sorriso pela janela em direção à Kurfürstendamm Strasse, que ficava dois andares abaixo, e sentiu um arrepio percorrer seu corpo.

– Claro que eu me lembro. Sua beleza é inesquecível, *Fraülein* – o advogado não completou a frase, pois não recordava o nome.

– *Frau*. Agora sou *Frau* Schmidt, Dr. Von Huss.

– Está casada!

– Sim. Surpreso?

– Um pouco, você é muito jovem para se casar. E por favor, me chame de Rudolf.

O advogado acendeu um cigarro e tragou com força, tentando imaginar para onde iria aquela conversa. Com certeza o assunto não era profissional.

– Me casei no ano passado. Não há muito o que fazer em uma cidade pequena para se distrair ou passar o tempo – insinuou Hannelore.

– Entendo perfeitamente – ele concordou.

– Passei em frente ao Café Germânia e resolvi ligar – mentiu de dentro da cabine telefônica da estação de trem.

– Que tal nos encontrarmos no café em quinze minutos?

Ela estava ansiosa para resolver aquele assunto, mas sabia que Rudolf estava ainda mais. E quanto mais excitado ele ficasse, melhor para ela.

De repente, um homem bateu na porta da cabine telefônica, queria usar o telefone. Ela o ignorou, virando-se de costas, mas apressou a conversa:

– Dr. Von Huss, eu liguei apenas para dar um bom-dia – mentiu. – Venho a Berlim todo mês – mentiu de novo –, e desta vez me lembrei de trazer seu cartão. Foi bom saber que se lembra de mim, mas agora preciso ir – terminou Hannelore, ameaçando desligar o telefone.

*image  
not  
available*

Vinte minutos depois do horário marcado, Huss largou o charuto no cinzeiro. Estava decepcionado, pronto para ir embora, quando a porta do café se abriu, e uma visão atraiu todos os olhares.

Contra a luz, só viu uma silhueta, mas tinha certeza de que era ela.

Um halo dourado parecia brilhar em volta da cabeça de Hannelore. O tecido fino do seu vestido revelava as formas do seu corpo. “E que corpo!”, ele pensou. As pernas que Huss sonhava agarrar eram longas e podiam ser perfeitamente vistas contra a luz. Imaginava suas mãos subindo por baixo do vestido, passando pelos joelhos e chegando às coxas. Só conseguiu ver o rosto da jovem quando ela se aproximou, a luz iluminando seu sorriso sensual.

Ele se derreteu ao notar os lábios carnudos, vermelhos, e os olhos azuis que cintilavam. Ela estava mais linda do que antes. Mais mulher do que no primeiro encontro. Menos de um ano se passara, e ela havia desabrochado. De moça, virou mulher. Para a inveja dos outros homens no salão, ela se aproximou e esticou a mão para que ele beijasse. Ele encostou os lábios e sentiu o perfume de Hannelore. Sua vontade era de não largá-la nunca mais. A sensualidade dela estava muito acima de qualquer coisa que ele já vira, mesmo sendo um homem experiente.

A Berlim daqueles tempos era bastante liberal. As mulheres também saíam em busca de prazer, e para um homem como ele, bem-sucedido, com poder, prestígio e dinheiro, as conquistas eram fáceis. Já tinha conhecido mulheres na França, Holanda, Inglaterra, mas jamais encontrara uma mulher com a energia sexual de Hannelore.

Ele sabia que, quando isso acontecia, não conseguia se controlar. A razão simplesmente desaparecia, e ele fazia qualquer coisa para conquistá-la.

Puxou uma cadeira para ela.

Hannelore estava no controle.

Rudolf fez sinal para o garçom, que imediatamente se aproximou do casal.

– Champanhe! – pediu o advogado.

Ela controlou sua reação. Seria a primeira vez na vida que beberia champanhe, e achou a ideia maravilhosa.

*image  
not  
available*



## Von Huss

A família Von Huss sempre vivera em um casarão próximo ao Tiergarten, a região mais nobre de Berlim. E foi em um de seus inúmeros aposentos que Rudolf nasceu, em 1900. Seu batizado foi tão concorrido que até mesmo o Kaiser Wilhelm II esteve presente.

A família gozava de muito prestígio durante o Império, que terminou em 1918, após a rendição alemã na Primeira Guerra Mundial e a deposição da monarquia. Mesmo com a inflação descontrolada que se abateu na Alemanha pós-guerra, a família conseguiu se manter na classe nobre, fosse utilizando recursos escusos fosse associando-se a pessoas não muito honestas. Rudolf aprendera com o pai a ser um hábil negociador, a navegar conforme o vento. Em vez de remar contra, sempre encontrava um jeito de navegar a favor.

Seguindo os passos de seus antepassados, o jovem Von Huss cursou a Universidade de Direito de Berlim. Certo dia, em 1923, um de seus melhores colegas de faculdade anunciou que se casaria no final do ano. A turma decidiu então que, em meados de novembro, faria uma despedida de solteiro nas famosas cervejarias de Munique.

Os amigos alugaram uma casa e passaram os dias completamente embriagados, envolvendo-se com prostitutas. Dinheiro não faltava: eram todos de famílias abastadas. As mulheres entravam e saíam dos seus quartos como formigas atrás de açúcar.

Certa manhã, Rudolf foi até uma farmácia em busca de algo para curar a ressaca. No caminho, aproveitou para comprar o jornal do dia. Foi então que ele soube que o jovem idealista Adolf Hitler estava em Munique e faria um discurso na Cervejaria Bürgerbräukeller. Como o

*image  
not  
available*

apartamento vago, de um ex-professor judeu que havia emigrado, e que emprestaria ao jovem casal com o maior prazer.

– Não se preocupe mais, Hans. Consegui emprego e residência! Fiquei de ligar para a escola em alguns dias para marcar uma nova reunião em Berlim e confirmar nossa ida.

Hannelore achou melhor esperar um pouco antes de ligar para o advogado e confirmar a mudança. “Sem pressa. Ele é quem deve ficar ansioso, não eu. Assim, tudo fica mais fácil”, pensou.

No início da outra semana, Hannelore foi até a prefeitura e ligou para Berlim. Dessa vez, a secretária do Dr. Von Huss passou a ligação sem fazer perguntas.

Quando Hannelore confirmou que aceitariam a mudança para a capital, o advogado não conseguiu controlar sua felicidade:

– Vou providenciar um emprego para ele imediatamente!

– E o apartamento?

– Em uma semana estará tudo resolvido.

– Ótimo. Irei a Berlim na semana que vem para conhecer o lugar.

– Espere, não desligue – ele pediu. Ficava excitado só de ouvir a voz da jovem. – Você não pode vir esta semana?

– Impossível.

– Eu mando meu carro ir buscá-la – ele implorou.

– Ah, Rudolf, eu adoraria, mas tenho tantas coisas para resolver antes da mudança... – choramingou.

– Hannelore, eu penso em você todos os dias. Por favor, venha passar algumas horas em Berlim comigo.

– Jura que você pensou em mim? Eu sonho com você todas as noites – ela mentiu.

Rudolf ficou extasiado ao ouvir isso. Passou a mão nos cabelos, olhou seu reflexo em um espelho próximo à escrivaninha e se viu como o homem mais bonito e desejado do mundo.

– E o que você sonha?

Hannelore sorriu para si mesma. Ela adorava esse jogo de sedução. Colocou a mão junto ao bocal do telefone e falou baixinho:

– Não posso falar agora, tem muita gente perto de mim.

*image  
not  
available*

# A mudança

## 2º DEGRAU

Hannelore entrou na sede da prefeitura e pediu para usar o telefone.

– Escritório de advocacia do Dr. Von Huss – atendeu a voz fria e profissional.

– Bom dia, aqui é *Frau* Schmidt – disse com firmeza.

– Bom dia, Sra. Schmidt – respondeu a secretária, mudando imediatamente para um tom cordial –, vou passar a ligação agora mesmo. O Dr. Von Huss pergunta todos os dias se a senhora telefonou.

“É bom saber disso. Assim tudo fica mais fácil”, ela pensou.

– Minha querida, você está em Berlim? – perguntou ansioso, antes mesmo de cumprimentá-la.

– Estou em Lilienthal. Liguei para saber se já está tudo resolvido.

– Claro que sim, *meine liebe*. Já encontrei um emprego para o seu marido e um belo apartamento próximo ao meu escritório.

– Não precisava ser em um bairro tão bom... – mentiu Hannelore. – A escola do professor Schmidt é perto da nossa futura residência? – perguntou já sabendo a resposta.

– Infelizmente, não. Mas fica a poucos quilômetros, e o transporte público de Berlim é excelente. Fiz questão de encontrar um apartamento próximo a mim. Assim, em caso de qualquer necessidade, posso estar a seu dispor em poucos minutos – disse Rudolf, insinuando-se.

– É muita gentileza sua, Dr. Von Huss.

*image  
not  
available*

Às vésperas da viagem, Rudolf havia informado que um carro estaria esperando por ela na saída da estação de trem para levá-la ao seu novo apartamento.

“Meu apartamento em Berlim! Mal posso acreditar que estou dizendo isso: *meu* apartamento em Berlim!”

Bastou andar alguns passos em direção à saída para ver um homem ao lado de uma Mercedes-Benz, segurando uma folha de papel em que se lia “*Frau Schmidt*”. Sentiu-se uma estrela de cinema, uma princesa entrando em uma carruagem. No dia anterior, andava de carroça na lama de Lilienthal. Agora, embarcava em uma limusine na sofisticada Berlim.

Hannelore recebeu duas chaves do motorista, uma da entrada do prédio e outra do apartamento. Ele informou que *Herr Doktor Von Huss* iria encontrá-la em breve. “Ótimo, assim compro logo meu enxoval”, ela pensou.

O motorista estava maravilhado com sua beleza. Percebeu que ela era uma jovem simples do interior, mas muito esperta, e imediatamente entendeu o que se passava.

Hannelore também achou o jovem motorista muito atraente. Era alto, mais de um metro e noventa, forte, de cabelos bem penteados. No carro, os dois trocavam olhares pelo retrovisor.

“Então isso é Berlim”, ela pensou, “onde as pessoas são ousadas e fazem as coisas acontecerem”.

O carro parou em frente a um prédio de quatro andares na Clausewitz Strasse. A jovem desceu e olhou boquiaberta para a construção em estilo clássico, toda de pedra, com uma grande porta de madeira que se abria em duas folhas. Estava tão distraída admirando a construção que até se assustou quando o motorista começou a explicar que a chave grande abria a porta do prédio, e a menor, a porta do apartamento no segundo andar.

– A senhora nunca morou em Berlim, não é? – ele perguntou, percebendo a alegria estampada no rosto de Hannelore.

Ela confirmou com a cabeça.

*image  
not  
available*



Bem-vestida e maquiada, estava deslumbrante. Ao entrarem no restaurante, todos os olhares se voltaram para ela. Rudolf ficou orgulhoso de estar de braços dados com o centro das atenções. Seu ego, que não era pequeno, inflou-se ainda mais. Hannelore percebeu que, provavelmente, nenhuma das mulheres ali presentes seria a esposa. Todas muito jovens e insinuantes, acompanhadas de homens mais velhos e poderosos. “Então, isso também é Berlim.”

– Rudolf, você não deveria estar aqui com a sua esposa? – ela perguntou, fingindo ingenuidade.

– Ela odeia meus compromissos profissionais – respondeu ele.

– Mas este não é um compromisso profissional.

– Ela acha que é – riu Rudolf, sarcástico.

Mesmo em Berlim, o lema nazista *Kinder, Küche, Kirche* continuava valendo: o dever das mulheres era se ocupar apenas das crianças, da casa e dos compromissos religiosos.

O advogado conhecia a maioria das pessoas ali, dos civis aos militares, muitos destes oficiais da SS.

– Champanhe? – ele ofereceu a Hannelore.

– Sim, meu querido.

– Vamos brindar ao seu novo apartamento e à vida maravilhosa que teremos pela frente!

– E ao novo emprego do meu marido!

Ambos riram.

Hannelore provou pratos sofisticados que nem sabia que existiam.

Rudolf não poupava esforços para deixar a amante feliz.

Os dois estavam se divertindo, quando um casal se aproximou para cumprimentar o advogado, que os convidou para sentar e tomar um cálice de licor. Era o tenente Michael Hoftz, da SS, e sua acompanhante, uma linda morena de olhos verdes, quase da mesma idade de Hannelore. Seu nome era Helga.

Enquanto os dois homens falavam de negócios e discutiam a situação militar da Alemanha, as duas logo iniciaram uma conversa. Perceberam que tinham muito em comum e que poderiam ser amigas.

*image  
not  
available*

– Hoje você será apresentada à elite. Todo mundo que importa estará lá: o *Führer*, Himmler, Bormann, Goebbels, Rosenberg, os homens mais poderosos da Alemanha – Rudolf contou com orgulho.

O casal entrou no salão e Hannelore notou que a maioria dos homens vestia uniforme – eram poucos os civis, que trajavam *smoking*. As mulheres, como sempre, estavam muito bem-vestidas, ostentando joias maravilhosas.

Rudolf parecia conhecer todo mundo. Quando encontraram o casal Hoftz, Hannelore correu à amiga para reconhecer as pessoas mais importantes.

– Helga, me diga quem é quem nesta festa! – pediu, animada.

Aproveitando que os homens conversavam, distraídos, Helga nomeou cada um dos convidados. Hannelore ficou deslumbrada. Realmente, todo mundo que importava na Alemanha estava lá.

– Aquela é Leni Riefenstahl – disse Helga, apontando para uma mulher cercada de autoridades, que aparentava grande poder e pouca feminilidade. – Quem sabe você vira artista de cinema? – brincou Helga.

As duas caminharam em direção à cineasta. Quando viu Hannelore, Leni parou de falar e ficou admirando seus traços perfeitos.

– Aproximem-se – disse, fazendo sinal para elas chegarem mais perto.

Hannelore, que não perdia uma oportunidade, foi até ela com seu andar fatal.

– Uma deusa – exclamou a diretora. – Qual é seu nome?

Antes que pudesse responder, Hannelore sentiu uma mão segurar seu braço. Era Rudolf, que estivera observando a cena de longe. Ele se aproximou para cumprimentar a diretora.

– Como vai, *Fraulen* Riefenstahl?

– Vejo que está muito bem acompanhado, Dr. Von Huss – respondeu ela. Essa garota poderia estrelar qualquer filme meu.

Rudolf apresentou Hannelore com muito orgulho.

– *Frau* Schmidt, Hannelore Schmidt.

Leni a cumprimentou com um grande sorriso. Havia um clima de ciúmes e conquista no ar.

*image  
not  
available*

Naquele momento, queria alguém que soubesse o que fazer com uma mulher.

Procurou uma cabine telefônica e ligou para Rudolf.

– Querido, preciso ir até Lilienthal. O distraído do meu marido esqueceu alguns documentos com meus pais. Será que seu motorista pode me levar até lá?

– Claro! – respondeu ele, sem desconfiar de nada.

Poucos minutos depois, Hannelore embarcava na Mercedes. A troca de olhares pelo retrovisor ficava mais intensa à medida que o carro avançava pelas ruas de Berlim. Ao chegarem na estrada, ela esperou que o carro percorresse apenas alguns quilômetros.

– Hermann, saia da estrada e encontre um lugar afastado para estacionar – ordenou.

Era a primeira vez que ela se dirigia a ele pelo primeiro nome, em vez do formal “*Herr Berger*”. Entendeu logo o que ela queria.

O motorista andou algumas centenas de metros para fora da estrada e estacionou em um lugar discreto. Saiu do carro, abriu a porta de trás da Mercedes e, tirando a calça, deitou-se por cima de Hannelore.

– Sonhei com este dia desde que busquei você na estação, *Frau Schmidt*.

– Se você for competente, podemos repetir outras vezes.

Os dois se entregaram a horas de prazer. A desculpa de visitar os pais em Lilienthal era perfeita.

– Temos de manter isso em segredo – ela avisou.

– Da minha parte, pode ficar tranquila. Se o Dr. Von Huss souber disso aqui, ele me manda para Dachau – garantiu o motorista.

– Dachau? O que é isso?

– Você nunca ouviu falar? É um campo de prisioneiros políticos, para onde enviam os opositores do nazismo. Lá eles são torturados e forçados a trabalhar. Poucos voltam vivos desses lugares.

*image  
not  
available*

mas casar é impossível.

O argumento do advogado era forte, mas Hannelore tinha o faro de uma raposa, a esperteza dos predadores.

– Então me dê um filho! – pediu, já sabendo que ele também não aceitaria aquilo.

O advogado gelou.

– Não posso. Você sabe que não posso.

Hannelore se levantou da cama. A visão daquele corpo nu, escultural, os seios firmes projetados para a frente, deixou o advogado maravilhado.

– Nesse caso, receio não termos mais nada para conversar. Você deixou tudo bem claro: acha que só estou interessada no seu dinheiro.

“Será que ela tem coragem de me abandonar? Decidida ela é, isso eu já percebi”, ele pensava. “Sim, ela me abandonaria num piscar de olhos. E não teria dificuldade para encontrar outro amante.”

– Se a ofendi, peço perdão.

– Você não sente nada por mim – atacou ela. – Para você, sou apenas um objeto sexual.

– Por favor, minha querida, é claro que você significa mais do que isso para mim. Já tive várias mulheres, e nenhuma delas se compara a você.

– Então prove. Prove que realmente gosta de mim, Rudolf.

– O que você quer que eu faça? – ele perguntou esperançoso.

– Paris.

– Como assim? O que tem Paris?

– Me leve para Paris!

Rudolf ficou pálido. Como poderia viajar com ela para tão longe? Uma coisa era chegar tarde em casa, mentir que estava em uma reunião, outra muito diferente era viajar para Paris. Ele não tinha clientes na capital francesa, não tinha como inventar uma reunião de negócios. E, se dissesse à esposa que viajaria a Paris, com certeza ela pediria para ir junto.

– Me peça outra coisa, qualquer coisa! Não posso viajar com você para Paris – implorou ele, de joelhos, agarrando-se nas pernas da jovem.

– Se você realmente me ama, me leve para Paris. Eu posso deixar meu marido para viajar com você, por que você não pode deixar sua esposa?

*image  
not  
available*



alguém como eles. Mesmo assim, não tinha forças para acabar com o casamento e voltar fracassado para Lilienthal.

Hannelore e Rudolf desembarcaram do trem na Gare du Nord no dia 5 de novembro. Hospedaram-se no Ritz Hotel, o mais luxuoso da capital francesa.

Rudolf ligou na recepção e pediu que mandassem uma garrafa de Veuve Clicquot e caviar Beluga.

– Quantas namoradas você já trouxe aqui? – Hannelore perguntou, fingindo ciúmes.

– Nenhuma, minha querida, você é a primeira – respondeu com sinceridade, acreditando nos ciúmes da amante.

– Eu duvido. Um homem como você já deve ter trazido várias mulheres para este hotel – retrucou ela, fazendo charme.

Bateram na porta da suíte. Rudolf abriu e o garçom entrou com a champanhe e o caviar. Quando o funcionário deixou o quarto, Hannelore se despiu e começou a beijar o advogado, que não resistia aos seus encantos.

– Vou confessar uma coisa: estou perdidamente apaixonado por você.

– Eu também, Rudolf. Durante esses dias em que não nos falamos, fiquei desesperada – mentiu ela.

– Me perdoe, Hanne. Prometo que nunca mais farei isso – disse ele, agarrando a jovem e levando-a para a cama.

Fizeram amor por algum tempo. Rudolf derramava champanhe nos seios de Hannelore e bebia com prazer.

Quando ele gozou, ela se satisfez em imaginar que logo mais estaria fazendo compras nas perfumarias e nas lojas de alta costura da cidade.

No dia seguinte, do outro lado de Paris, Herschel Grynszpan recebeu um cartão-postal da irmã. A situação dos pais era desesperadora: faltava tudo, e eles estavam à beira da morte. A irmã implorava por ajuda. Herschel ficou desesperado, não havia nada que pudesse fazer. Seu tio tinha pouco dinheiro e gastava uma boa quantia para manter o sobrinho ilegalmente no país. Não podiam mandar roupas ou comida, muito menos trazer a família para a França. A carta da irmã deixou Herschel

*image  
not  
available*

percebesse.

– Me deixe em casa, depois leve *Frau* Schmidt para o apartamento – ordenou Huss.

Rudolf chegou na hora certa. A esposa estava ouvindo um depoimento de Von Ribbentrop no rádio. Ele a beijou e ela retribuiu.

– Que loucura o que esse judeu fez!

– Todos os problemas da Alemanha são culpa dos judeus – disse ele, com raiva. “Se não fossem os judeus, eu ainda estaria em Paris com Hannelore.”

Hans também ouvira a entrevista de Von Ribbentrop enquanto estava na escola. Ele era mais esperto que a Sra. Von Huss: “Se Ribbentrop está dando entrevistas em Berlim, ele não esteve em Paris”, concluiu.

Mas Hannelore tinha sorte, isso era inquestionável. Os fatos que se desenrolaram a seguir jogaram a favor dela.

O dia do atentado coincidiu com o dia do encontro do Partido Nazista em Munique, data em que comemoravam a fracassada tomada de poder dos nazistas em 1923.

Hitler e seu ministro da Propaganda, Joseph Goebbels, aproveitaram os dois fatos e decidiram que aquele era o momento ideal de testar se os alemães estavam preparados para atacar os judeus com violência. Até aquele dia, os ataques orquestrados contra os judeus visavam restringir suas liberdades civis e tomar seus bens materiais – imóveis, lojas, fábricas, automóveis e mais uma infinidade de bens ficaram à disposição do governo ou da população. Mas e quanto à violência física? Estariam os alemães dispostos a atacar os judeus?

O assassinato de Vom Rath foi a desculpa perfeita para encenar uma grande onda de violência, até então sem precedentes na Alemanha.

No evento de celebração do Putsch, Goebbels fez um dos seus famosos discursos antissemitas, no qual espalhava o ódio e incitava as Tropas de Assalto, a SA, e outras milícias nazistas a se unirem à população para atacar sinagogas, residências e o que havia restado das escolas e do comércio judaico. O ministro defendia que aquela era a única forma de se vingar do ataque do judeu “comunista” Herschel Grynszpan contra o diplomata Ernest vom Rath.

*image  
not  
available*

– Você ficou louco? Chamar aquele bando de caipiras para vir à minha casa? Para sujar meus tapetes?

– São seus pais, seus irmãos! Eles adoram você – tentou argumentar.

– Às vezes eu me pergunto como um professor pode ser tão burro! Vindo ou não aqui, eles não vão deixar de ser meus pais, mas não quero esse bando de gente suja e ignorante na minha casa. O lugar deles é em Lilienthal, que fiquem por lá – disse, sem nenhum remorso. – Nunca fizeram nada por mim, por que eu faria algo por eles?

Hans estava chocado, mas sabia que não adiantava discutir. Quando Hannelore decidia alguma coisa, ela não voltava atrás.

– Eu gostaria de passar o Natal com eles – retrucou o professor, enchendo-se de coragem.

– E quem te impede? Pegue o trem e vá. Se você está com saudades do fedor e das ruas enlameadas daquela cidade, faça bom proveito. Você é igual a eles, então vá, passe o Natal em Lilienthal. – Ela queria que ele fosse, assim poderia ficar sozinha com o motorista. Esse era seu plano: uma noite de sexo ardente com Hermann.

Na manhã seguinte, Hans pegou o trem.

À noite, Rudolf foi buscá-la para jantar. No requintado restaurante, casais se beijavam em público, champanhe transbordava das taças, mulheres desfilavam com vestidos justos e pedras brilhantes faiscavam por todo o lugar.

– Você vai me deixar sozinha na noite de Natal? – Hannelore perguntou quando se sentaram, fingindo decepção.

– Minha querida, você sabe que é impossível eu não passar a ceia com minha família – Rudolf tentou justificar.

– Não fui para Lilienthal com Hans para passar o Natal com você. É uma noite muito importante para mim. Por favor, não me deixe sozinha!

Rudolf acreditava na mentira, mas precisava passar o Natal com a família. Era a tradição dos Von Huss.

– Seria nosso primeiro Natal juntos – ela sussurrou. – E quero te dar um presente que guardo há meses...

O advogado sentiu um arrepio percorrer seu corpo.

*image  
not  
available*

## Guerra!

– Professor, ouvimos no rádio que nosso *Führer* está se preparando para entrar em guerra. É verdade?

– Se a Europa insistir em prejudicar a Alemanha novamente, não teremos alternativa – respondeu Hans. – Já fomos injustiçados durante a Primeira Guerra, em 1914, e desta vez não permitiremos um novo ataque covarde.

O professor Schmidt, antes um pacifista, havia adotado uma postura beligerante e acreditava cada vez mais na propaganda nazista. A História havia sido reescrita segundo os interesses do partido e as mentiras do Ministério da Propaganda de Goebbels.

Hans, assim como os demais professores, seguia a nova cartilha que afirmava que, em 1914, a Alemanha tinha sido covardemente atacada pela França e seus aliados. Ele acreditava que as indenizações de guerra haviam sido vilmente impostas para explorar o povo alemão com a colaboração do judaísmo internacional.

– Nunca mais deixaremos que abusem da nossa pátria! Sangue alemão inocente não será derramado. Nosso Exército está forte e faremos de tudo para defender nosso país – pregava Hans. – E vocês, da Juventude Hitlerista, farão parte desse processo.

O país todo se deixava levar por esse chauvinismo. Nos cinemas, os filmes encorajavam a população a pegar em armas para defender a pátria. Cartazes pelas ruas mostravam os arianos como semideuses. Uma campanha constante, muito bem-formulada, criou o mito do ariano superior, que foi acatado por muitos. Deslocado em Berlim, longe da família e cada vez mais humilhado pela esposa, Hans sentia uma

*image  
not  
available*



– Esses ratos não acabam! Já deviam ter ido embora há muito tempo. O *Führer* é muito condescendente.

A jovem apressou o passo. Não entendia a origem daquele ódio aos judeus e estava mais interessada em cuidar da própria vida.

Chegando ao escritório de Rudolf, as secretárias a cumprimentaram com respeito.

“Como o mundo dá voltas! Antes, essas mulheres me tratavam como uma camponesa ignorante. Agora, desdobram-se em cortesias para me agradar. Me tratam como se eu fosse a patroa”, pensou ela, parando na recepção para perguntar sobre Rudolf.

– O Dr. Von Huss não está. Ele foi ao Ministério de Relações Exteriores buscar informações mais precisas sobre a guerra – informou uma secretária.

– Estou preocupada com meus pais. Um dos meus irmãos foi convocado pelo Exército e eu queria saber notícias dele – ela mentiu. – Pensei em visitá-los hoje, o motorista está livre?

– Foi *Herr* Berger quem levou o doutor ao ministério, mas ele já deve estar voltando.

– Será que ele poderia me levar até Lilienthal? – choramingou Hannelore, parecendo desolada.

– Claro. *Herr Doktor* Von Huss vai entender perfeitamente sua preocupação com a família.

– Se vocês acham que não tem problema, fico muito agradecida. Estou tão preocupada com a minha mãe que estava pensando em pegar o trem, mas não sei se estão funcionando.

A secretária olhou pela janela.

– O motorista já voltou. Está estacionando na frente do prédio.

Hannelore se despediu das funcionárias e desceu. Quando Hermann a viu caminhando em sua direção, abriu um sorriso e a porta do carro.

A secretária, que continuara olhando pela janela, viu toda a cena. Ela tinha certeza de que os dois tinham um caso – seu instinto não costumava enganá-la. “O Dr. Von Huss não sabe com quem está se metendo.”

*image  
not  
available*

levava: tinha um trabalho leve, se divertia com Hannelore e não faltavam outras garotas. Agora que milhares de homens estavam na Polônia ou estacionados nas fronteiras da Alemanha, defendendo a pátria de um imaginário ataque franco-britânico, as alemãs, solteiras ou casadas, eram presas fáceis de suas habilidades de conquistador.

Hannelore continuava a frequentar festas com o advogado.

– É impressão minha ou tem cada vez mais militares nesses eventos? – perguntou, fingindo desinteresse.

– O Exército, a Marinha e a Aeronáutica estão se fortalecendo, assim como a SS. Eles estão ganhando cada vez mais poder na sociedade alemã – respondeu Rudolf com um tom de inveja, acreditando que podia confiar essa queixa a Hannelore. Mal sabia que, em breve, essa afirmação seria usada contra ele.

– Mas a guerra não acabou?

– Minha querida, a guerra está só começando. O que mais cresce na Alemanha atualmente é a indústria de armamentos, e os militares têm papel fundamental nesse mercado. A guerra, em curto prazo, é um excelente negócio. Só espero que Hitler não decida invadir outros países tão cedo. Não acho bom lutarmos em várias frentes – confidenciou.

Hannelore ouvia com atenção. Sua intuição estava correta: se os militares ganhavam cada vez mais poder, era ali que estaria o ouro. E se o vento mudava de direção, era hora de reorientar as velas. A jovem alemã guardava todas as informações que conseguia. No futuro, qualquer coisa poderia ser útil.

Ela comprovou o crescimento do poderio dos militares, sobretudo da SS, quando foi convidada por Helga a conhecer a nova casa que montara com Hoftz. Era um imóvel imenso, de dois andares, em frente ao Tiergarten. Helga já tinha um filho e esperava outro. O partido premiava casais férteis.

– A melhor coisa que eu fiz foi me casar com um oficial da SS. Você devia pensar nisso também. Por quanto tempo você e Rudolf ainda vão ficar juntos? Ele nunca vai deixar a esposa para se casar com você. Ele é nobre, e você, uma caipira – disse Helga com franqueza, pensando no bem da amiga. – Se algo acontecer e vocês se separarem, o que vai fazer?

*image  
not  
available*

– Leni Riefenstahl quer fazer um teste de cinema comigo – Hannelore repetiu pausadamente, imitando a outra.

– Você sabe o que isso significa? – A empolgação de Helga era enorme.

– Claro que sei!

– Isso é incrível!

– No evento da pré-estreia, ela disse que ficou muito impressionada comigo e que um dia me convidaria. Mas achei que tivesse se esquecido de mim – comentou, quase com displicência.

– Impossível esquecer alguém como você. Boa sorte com o teste!

– Obrigada, mas não tenho nenhum interesse em trabalhar no cinema, nem em ser atriz.

– Hanne, isso não é apenas *cinema*. É Leni Riefenstahl! – Helga estava maravilhada com a proposta.

Na verdade, não era exatamente trabalhar no cinema que incomodava Hannelore. Ela não gostava de aparecer, de tirar fotos, de se destacar. Estrelar um filme era a última coisa que desejava. Nos eventos a que ia com Rudolf, sempre se escondia dos fotógrafos.

– Você devia pelo menos fazer o teste – insistiu a amiga.

Convencida de que era o melhor a fazer, Hannelore ligou e marcou o encontro.

No dia do teste, chegou pontualmente ao estúdio. A recepção ficava em um amplo salão branco, muito iluminado, com as paredes forradas de cartazes de filmes. Os móveis eram modernos, de linhas retas.

Hannelore foi recebida por uma elegante secretária, que a guiou por um longo corredor até uma porta dupla. A jovem entrou sozinha.

O escritório de Leni era uma grande sala com pé direito duplo, as paredes decoradas com fotos de vários artistas do cinema alemão. Dois grandes retratos de Hitler e Goebbels, ambos com dedicatórias, destacavam-se atrás de sua mesa de trabalho.

Em meio aos roteiros espalhados pela sala, dois sofás de couro formavam um ambiente mais íntimo.

Leni se levantou para receber Hannelore. Vestia uma blusa larga e calças brancas tão compridas que encobriam os sapatos. A jovem reparou que ela usava um par de brincos com enormes diamantes e um colar de

*image  
not  
available*

de uma só vez.

A jovem acabou cedendo. Não aceitaria o papel principal, mas também não faria apenas uma ponta. Queria negociar algo intermediário.

– Você cuida do contrato para mim? – perguntou a Rudolf.

– É claro, minha querida!

O advogado preparou a minuta, negociou com a equipe de Leni Riefenstahl e conseguiu um bom acordo. O contrato foi assinado na produtora. Era oficial.

Hannelore só descobriria muitos anos depois que esse erro lhe custaria muito caro. Muito caro.

Nas semanas seguintes, ela se dedicou ao filme. Saía de casa cedo e ia para o estúdio ler o roteiro e ensaiar. Rudolf, de vez em quando, passava para vê-la. Ela percebia o quanto ele estava orgulhoso, apresentando-se a todos como “o namorado da estrela”.

Certo dia, durante os ensaios, Hannelore e Rudolf se encontraram com Goebbels. Ele estava acompanhado de Lída Baarová, sua amante, que também era atriz de cinema. Os dois casais marcaram de sair para jantar.

A jovem colocou sua melhor roupa e suas joias mais valiosas. Ao se olhar no espelho, viu que Leni tinha razão: sua postura estava mais elegante, seu corpo mais delineado e seu olhar ainda mais sedutor.

Como não podia deixar de ser, reservaram uma mesa no restaurante do Hotel Kempinski, o melhor de toda a Alemanha.

As paredes eram forradas de espelhos bisotados, emoldurados por madeira trabalhada em baixo relevo e pintada de ouro. Lustres de cristal com centenas de lâmpadas brilhavam acima deles como em um conto de fadas. Os garçons, impecáveis e gentis, circulavam pelas mesas com a destreza de bailarinos. Hannelore já tinha aprendido a reconhecer e apreciar itens de luxo. Ela sabia que as louças eram Limoges, com pinturas campestres de uma beleza única. As várias taças de vinho branco, tinto e água eram feitas do melhor cristal da Boêmia, trabalhadas a mão em baixo relevo. Já os talheres eram Christofle, franceses, tão

*image  
not  
available*



No começo de maio, Hannelore foi surpreendida com uma carta de Hans. O selo era de Munique, aonde ele fora convocado para fazer o treinamento. Informava que tinha passado em todos os testes e já estava apto a servir o Exército. O treinamento era intensivo, e Hans descobriu que tinha uma grande habilidade: a pontaria. Era capaz de ficar horas no mesmo lugar, praticamente sem se mover, esperando o momento certo de disparar. Provavelmente seria incluído no batalhão de franco-atiradores, uma posição importante que ele almejava muito. A função era bastante perigosa, já que estaria sempre na linha de frente. Mas isso não o preocupava; na verdade, o que sentia era orgulho patriótico, pois teria missões importantíssimas a executar. Hans terminava a carta dizendo que seria enviado à fronteira com a França, um território de grande tensão. A guerra entre os dois países estava declarada, mas nenhum tiro havia sido disparado ainda.

Hannelore terminou de ler e jogou a carta na lareira. A única notícia boa, ela pensou, é que Hans estaria na linha de frente. “Só espero que troquem tiros o quanto antes.”

E seu desejo parecia uma ordem.

A guerra tomou um rumo diferente naquela primavera. Hitler continuava a gritar em seus discursos, ameaçando outros países constantemente. Já tinha anexado a Áustria, conquistado a Polônia, uma parte da Tchecoslováquia e, para a surpresa de todos, assumido a Dinamarca e a Noruega ao Norte. Ao Sul, aliou-se à Itália.

Poucos acreditavam que a Alemanha invadiria a França, aliada da Inglaterra, que supunham, erroneamente, ser uma potência militar e econômica. Ninguém imaginava que Hitler teria essa ousadia. Uma coisa era conquistar a Polônia e a Dinamarca, outra totalmente diferente era invadir a França, que depois provou ser um fiasco na guerra.

Certa noite, em um jantar entre industriais e advogados, que não contou com a presença de militares, surgiu o assunto da invasão da França.

– Nosso Exército já está ocupado demais cuidando de vários países conquistados. Não acho que seria conveniente abrir novas frentes de guerra – comentou Rudolf.

*image  
not  
available*

as baixas eram mínimas.

Rudolf ligou para seus amigos no Exército em busca de informações. Michael Hoftz combinou de encontrá-lo no Café Germânia.

– O *Blitzkrieg* mais uma vez se mostrou infalível. Bombardeios aéreos destruíram a resistência dos inimigos, e a infantaria avançou sem encontrar resistência – explicou o tenente, enquanto saboreavam uma cerveja.

– E a Linha Maginot, não está resistindo? – quis saber o advogado.

– *Ach!* Os franceses são muito ingênuos – menosprezou Hoftz. – Eles realmente acreditaram que todo o nosso ataque seria frontal? Onde estudaram estratégias militares, no La Tour d’Argent?

Os dois gargalharam. O tenente continuou:

– O ataque na Linha Maginot é apenas para distrair os franceses. Mandamos alguns batalhões para lá, mas o verdadeiro *Blitzkrieg* acontece em outro lugar.

– E posso saber onde? – perguntou Rudolf, curioso.

– *Herr Von Huss*, os franceses acharam que a floresta das Ardenas seria um obstáculo natural intransponível para nossos Panzers. Também acharam que a Holanda e a Bélgica resistiriam o suficiente para que eles ganhassem tempo e deslocassem mais tropas para lá. *Ach!* Esses comedores de lesma! Dá para acreditar nisso? A Holanda caiu em horas, a Bélgica em dias, e a França vai se render em menos tempo que a Polônia. Esse país se tornou uma vergonha. A conquista de Paris será como um passeio, não vai ter nem graça. É uma pena, pois queríamos treinar melhor as nossas tropas.

– Então você acha que a França assinará o armistício em breve?

– Esses franceses são covardes, lamentavelmente covardes. Vamos vingar a vergonha da última guerra, meu caro advogado, pode se preparar – falou Hoftz, pedindo mais uma cerveja.

– Morreram muitos soldados alemães?

– Muitos. Principalmente na Linha Maginot, onde os franceses estavam realmente preparados para o combate. Vou te contar um segredo – sussurrou o tenente, aproximando-se do advogado.

*image  
not  
available*

Inglaterra, então aliada incondicional da França, incumbida de defendê-la em caso de uma ofensiva nazista, não atacou os alemães.

A sensação em toda a Alemanha era a de que Hitler, os nazistas, a Wehrmacht e a Luftwaffe eram invencíveis. Não havia país no mundo capaz de conter a força germânica.

Pouco tempo após a conquista de Paris, foi organizada no principal cinema de Berlim a estreia do filme de que Hannelore participara. Hans não teve tempo de ver a esposa nos telões.

Como em todas as estreias de Leni Riefenstahl, a elite nazista marcava presença no evento. Hitler, no entanto, não compareceu; estava às voltas com a rendição da França.

Foi estendido um tapete vermelho que começava na calçada, subia as escadarias do cinema e ia até a entrada da sala de projeção. Por ali desfilavam os principais personagens da alta sociedade alemã. Hannelore, como não podia deixar de ser, atraía olhares de desejo e inveja.

Uma imensa limusine parou na porta do cinema. Dela desceram Leni Riefenstahl, Goebbels e a estrela do filme, sua atual amante.

– Você é que devia estar naquele carro – comentou Rudolf com uma pitada de ressentimento.

– Quem sabe da próxima vez? – ela prometeu, mesmo sabendo que esse seria seu primeiro e último filme.

*image  
not  
available*

## A paz de Hannelore

1940 foi um dos melhores anos para a jovem alemã.

Viúva de guerra, era tratada com deferência. Também passou a receber uma pensão, apesar de o valor fazer pouca diferença no seu orçamento. Rudolf estava generoso, pois ganhava cada vez mais.

Festas, jantares, teatros, concertos, bares, shows, cabarés: Hannelore não passava uma noite em casa. Com certeza a esposa de Rudolf sabia que ele tinha um caso, mas qual homem poderoso na Alemanha Nazista não tinha? E do que uma esposa poderia reclamar em 1940? *Kinder, Küche, Kirche*: à época, esse era o papel das mulheres.

Aos 21 anos, Hannelore tinha conquistado boa parte dos seus sonhos sem nunca ter trabalhado, apenas levando Rudolf para a cama.

Até ela se espantava com isso.

Com as vitórias e conquistas da guerra, a Alemanha florescia. A autoestima dos alemães, destruída após a derrota na Primeira Guerra, agora estava nas alturas. Acreditavam serem invencíveis, poderosos e superiores a todos os outros povos.

A vida noturna seguia cada vez mais agitada, os restaurantes viviam lotados e o sexo corria solto. Quem chegasse à Berlim daqueles dias não diria que o país estava em guerra; as batalhas, até então, só aconteciam em território inimigo.

Hannelore tinha acertado na loteria ao se mudar para a capital. Estava na hora e no lugar certos.

Os pactos com Japão, Hungria e Romênia, a invasão do norte da África pelo Afrika Corps, nada disso lhe interessava. Não queria saber de

*image  
not  
available*



ataque em maio de 1942. Tinha certeza de que conquistaria Moscou antes do inverno.

Além de considerar o plano de ataque à União Soviética um delírio hitlerista, a elite do Exército nazista também se incomodava de receber ordens de um cabo austríaco que havia passado a Primeira Guerra em uma cama de hospital por causa de um ferimento a bala.

Mesmo assim, o medo de dizer “não” fez com que aceitassem aquele plano suicida.

A Alemanha iniciou em segredo os preparativos da “Operação Barbarossa”, codinome dado ao plano de ataque à União Soviética, até então uma aliada. O nome era uma homenagem ao imperador Frederico I, o Barbarossa, que governou o império romano-germânico no século XII. Rompia-se, assim, o pacto de não agressão Molotov-Ribbentrop.

Nos últimos meses, a ideia de largar Rudolf para se casar com um oficial da SS não saía da cabeça da alemãzinha. Era fácil perceber que a ascensão financeira rondava essa tropa de elite: desde que se casara com o tenente Hoftz, a vida de Helga melhorava a olhos vistos. Com o clima de vitória que se espalhava pelo III Reich, não restava dúvidas de que a SS seria a grande beneficiária da conquista total. O país estava nas mãos desses oficiais. Era bom se preparar para o futuro.

Hannelore sabia que precisaria se livrar de Rudolf antes de encontrar seu novo provedor. No entanto, não podia simplesmente abandonar o advogado. Em primeiro lugar, ele não aceitaria o rompimento. Em segundo, o apartamento onde ela vivia era dele; querendo ou não, ele a controlava financeiramente. Livrara-se de Hans por sorte sua e azar dele. Agora, tinha que encontrar uma maneira de se livrar de Von Huss. Precisava agir, conceber um plano. Sabia que não seria fácil: o homem era poderoso.

A resposta veio numa noite em sua casa.

Alguns dos oficiais que haviam participado da reunião em Berghof decidiram levar adiante a decisão de não atacar a União Soviética naquele momento.

Reuniram um grupo da elite alemã, entre militares, empresários e profissionais liberais, para discutir uma maneira de convencer o *Führer* a

*image  
not  
available*

Andaram até o final de um longo corredor e pararam em frente a uma porta de madeira. O assistente bateu duas vezes e abriu. Duas secretárias estavam sentadas, datilografando. Ele deu passagem para que *Frau* Schmidt entrasse.

Pararam diante de outra porta dupla, maciça, e o jovem bateu como se estivesse encostando os dedos em uma porcelana finíssima.

Um grito vindo de dentro mandou que entrassem.

O assistente abriu as portas e Hannelore entrou, ou melhor, desfilou para dentro do gabinete.

Era uma sala imensa. Na parede do fundo havia duas grandes fotos: uma de Adolf Hitler e outra de Reinhard Heydrich, chefe da Gestapo, com seu olhar gélido e intimidador. O espaço era decorado com pesados móveis de madeira escura.

Atrás de uma grande escrivaninha, um oficial da Gestapo lia um relatório.

O jovem pigarreou e fez as apresentações:

– *Herr* comandante Wolfberg, apresento-lhe *Frau* Schmidt.

O oficial levantou a cabeça e quase deixou o cigarro cair da boca ao colocar os olhos em Hannelore, que caminhava em sua direção como se estivesse nas nuvens. Era exatamente esse o efeito que ela queria causar. O agente ficou sem reação. Apagou o cigarro fora do cinzeiro. Os seios de Hannelore balançavam de um lado para o outro no decote ousado e justo. Um leve sorriso insinuante pousava em seus lábios entreabertos. O oficial se levantou, ajustou o paletó, deu a volta na mesa e cumprimentou a alemãzinha com um beijo na mão. Sem que ele autorizasse, ela sentou e cruzou as pernas, deixando aparecer um pouco mais do que o recomendável.

Quando o jovem assistente parou ao seu lado, insinuando sua participação no encontro, Hannelore lançou-lhe um olhar fulminante. Ele imediatamente entendeu o recado e se retirou, deixando os dois a sós.

O oficial da Gestapo foi até uma mesa repleta de bebidas importadas e ofereceu um drinque a ela.

– Obrigada, não bebo.